



RAZÃO SOCIAL, MEMÓRIA E COMUNIDADE EM GADAMER

Social Reason, Memory And Community In Gadamer

Tomás Jobin Coutinho Lopes*

RESUMO

O presente trabalho busca discutir três conceitos gadamerianos relacionados com a temática concernente à memória em comunidade. Tentaremos desenvolver uma aproximação dos conceitos de *Bildung* (formação), de clássico e de razão social (práxis) com problemas contemporâneos envolvendo a instrumentalização técnico-científica dos processos de comunicação social e de alienação da humanidade em relação aos sentidos historicamente compartilhados.

Palavras-chave: Memória; Comunidade; Razão Social.

ABSTRACT

The present work aims to discuss three gadamerian concepts related with the thema of memory in community. We will try to develop an approach of the concepts of *Bildung* (formation), classics and social reason with contemporary problems concerning the technical-scientific instrumentalization of the processes of social communication and the alienation of humanity of the historical shared meanings.

Keywords: Memory; Community; Social Reason.

A hermenêutica filosófica de Gadamer, que se constitui como uma teoria eminentemente crítica à ciência moderna, possui elementos conceituais que se relacionam com a temática política da memória de uma comunidade, em permanente tensão com os processos de tecnificação da razão humana. Tal relação pode ser desenvolvida a partir de uma leitura dos escritos do autor nos quais está tematizada a questão da razão social e da participação em um mundo comum, dentre os quais a sua obra principal, *Verdade e Método*, de 1960, quando o autor tematiza o conceito de

* Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Piauí (UFPI); Bacharel em Direito pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI); Bolsista CAPES; E-mail: tomasjobin@bol.com.br.

formação e a exemplaridade do clássico como fundamentos humanistas, distintos da razão técnico-científica. Também é possível perceber uma discussão em torno da construção de mundo comum no texto: *O que é práxis? As condições da razão social*¹, um texto escrito na década de 1970, que pode ser analisado como uma aplicação do próprio autor e de sua teoria hermenêutica² ao contexto geopolítico da guerra fria e de uma sociedade já habituada ao domínio da técnica moderna.

Assim, o presente ensaio busca articular a questão da memória em comum com o problema da tecnificação da razão social, a qual, segundo Gadamer, é um fator decisivo de autoalienação da humanidade e que pode obstar as possibilidades de construção de um mundo comum através da busca solidária por sentidos comuns, originariamente compartilhados. Tal processo de autoalienação e de auto-isolamento teria a ver, segundo o autor, com um modo de pensar radicalizado com a modernidade filosófica, fundada na subjetividade pensante, que culminou numa racionalidade pretensamente autônoma, destacada de condicionantes históricas e dos sentidos compartilhados no seio de uma comunidade, elementos fundantes da memória comunitária.

1. O CONCEITO DE FORMAÇÃO (BILDUNG) COMO UM EXEMPLO DE ALTERIDADE E UNIVERSALIDADE NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DA MEMÓRIA

Gadamer descreve o conceito de formação (*Bildung*) como um dos conceitos fundamentais do humanismo e tenta desenvolver alguns aspectos deste conceito dentro do objetivo mais amplo de fundamentação de uma verdade extracientífica. É que a formação cultural tem a ver com um tipo de tato ou habilidade que não se resume à capacidade de reter determinadas informações herdadas, de aprender certos idiomas, de memorizar certos dados da realidade, com o fito de obter um conhecimento mais amplo sobre determinada matéria, enfim, de desenvolver determinada competência teórica ou prática. Antes, a formação cultural tem a ver com um tipo de familiarização, com um processo de “reconhecer no estranho o que é próprio” (GADAMER, 2012, p. 50), o que seria, para Gadamer, seguindo intuições hegelianas, o movimento fundamental do espírito em direção ao universal. Assim, o relacionamento do indivíduo com os costumes de seu povo, com sua língua materna, não teria a ver com um mero acúmulo de conhecimentos que ao final resultaria em um indivíduo “formado”, mas com um tipo de familiarização ou de apropriação, que envolve reter ou esquecer determinada herança cultural.

¹ GADAMER, Hans-Georg. **A razão na época da ciência**. Tradução de Ângela Dias. – Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

² GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Revisão da tradução de Enio Paulo Giachini 12.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

Nesse sentido, esta dinâmica do processo de formação tem relação direta com a questão do relacionamento do indivíduo com uma memória coletiva, pois neste processo também não está em questão somente um tipo de capacidade psicológica para ter uma boa memória, mas um tipo de tato que envolve também a capacidade de esquecer ou de ressignificar a memória, como afirma Gadamer:

Aliás, não conseguiremos apreender corretamente a essência da própria memória caso vejamos nela apenas uma disposição ou uma capacidade genérica. Reter, esquecer e voltar a lembrar pertencem à constituição histórica do homem e fazem parte de sua história e formação. Quem exercita sua memória como uma mera capacidade - e toda técnica de memória é tal exercício - continua sem possuir o que é mais próprio da memória (GADAMER, 2012, p. 52).

Assim, para Gadamer, a nossa lida com a memória não deve ser concebida através de uma perspectiva psicológica e individualista, que teria a ver com a nossa capacidade de memorizar em particular, mas “como um traço essencial do ser histórico e limitado do homem” (GADAMER, 2012, p. 52). Dessa forma, para o autor, a memória deve ser entendida dentro da dinâmica do nosso relacionamento originário com uma herança cultural abrangente, num processo de apropriação, que envolve selecionar o que vai ser lembrado ou esquecido, com o fito de renovar a validade dessa herança, de aplica-la ao contexto atual. Memória, portanto, tem a ver com formação, pois envolve um tipo de tato ou sutileza que não se resume à mera capacidade de reter dados ou fatos, como afirma o autor:

A memória precisa ser formada, pois a memória não é memória em geral e para tudo. Para algumas coisas temos memória, para outras não; e algumas coisas queremos guardar na memória, outras banir. Estaria na hora de libertar o fenômeno da memória de seu nivelamento capacitativo que a psicologia lhe impôs e de reconhece-lo como um traço essencial do ser histórico e limitado do homem. Desde há muito tempo que não levamos suficientemente em consideração que o esquecimento pertence à relação entre o reter e o lembrar. Não se trata simplesmente de omissão ou carência, mas, como acentua sobretudo Nietzsche, trata-se de uma condição de vida do espírito. É só pelo esquecimento que o espírito pode renovar-se totalmente e ser capaz de ver tudo com olhos novos, de modo que o que é velho e familiar se funde com o recém-visto em uma unidade de várias estratificações (GADAMER, 2012, p. 52).

Este conceito de memória, atrelado ao conceito de formação, produz implicações para uma crítica ao modo como a absorção de cultura se configura em nossa sociedade atual, inundada por diversas fontes de informação, pela velocidade com que a informação se espalha, através de uma tecnologia que ainda não era vislumbrada pelo autor. É possível perceber que esta onipotência da possibilidade de reter informação e memória pode, na verdade, obstar o processo de familiarização de um povo com sua memória, provocando implicações políticas e civilizacionais perniciosas.

2. O EXEMPLO DO CLÁSSICO COMO UM MODELO EXPLICATIVO DA DINÂMICA

DA MEMÓRIA EM COMUNIDADE

O exemplo do clássico aparece em *Verdade e Método* na seção concernente à elaboração da historicidade da compreensão humana como um princípio hermenêutico. Tal elaboração tem relação com a tentativa geral de desenvolver uma fundamentação ontológica do compreender humano, em oposição ao modo metodológico de proceder, que teria a ver com a elaboração de meios adequados para a compreensão de textos históricos. O exemplo do clássico tem, portanto, a finalidade de demonstrar uma possibilidade de compreender o movimento próprio da compreensão histórica, que está presente na leitura de textos, mas também na própria dinâmica da existência humana, desde sempre mergulhada em um mundo linguístico e histórico.

O clássico tem o poder de demonstrar esta dinâmica, na medida em que consiste na releitura de textos da tradição, textos milenares que continuam a produzir sentido e validade, mesmo com o passar do tempo. Nesse sentido, Gadamer faz uma delimitação entre o que se entende por clássico na formação erudita e a “essência” do clássico. Segundo o autor, uma obra pode ser descrita como clássica de maneira ampliativa, desde que tenha o poder de produzir sentidos para uma outra época, como se fosse na verdade uma mensagem específica para esta outra época, capaz de comunicar a um leitor de outro século ou milênio que ele faz parte de um mundo comum, e que o próprio texto, a própria obra, também faz parte daquele mundo, como afirma Gadamer:

Nossa compreensão há de conter sempre, ao mesmo tempo, a consciência da própria filiação da obra ao nosso próprio mundo. A isso corresponde uma copertença da obra ao nosso mundo. É justamente isso que quer dizer a palavra “clássico”: a sobrevivência da força de expressão imediata de uma obra é fundamentalmente ilimitada. Por mais que o conceito de clássico expresse a ideia de distância e inacessibilidade e pertença a essa configuração da consciência que é a cultura, também a “cultura clássica” continuará contendo sempre algo da validade permanente do clássico. Mesmo a configuração da consciência própria da cultura testemunha, no entanto, uma última comunidade e filiação ao mundo a partir do qual fala a obra clássica (GADAMER, 2012, p. 384).

Este processo descrito com o exemplo do clássico é um modelo descritivo do relacionamento de uma sociedade com sua memória, na medida em que os fatos passados, por mais traumáticos que sejam, continuam a produzir sentidos atuais, pois fazem parte de uma memória em comum, que condiciona a reelaboração da história própria de um povo. Nesse sentido, do mesmo modo como nos relacionamos com as obras clássicas, relacionamo-nos também com uma memória coletiva. A dinâmica de reelaboração do sentido do clássico, com o fito selecionar e identificar algum sentido aplicável ao nosso horizonte atual, constitui uma racionalidade consciente de suas condicionantes históricas, que permanecem sempre atuantes.

Portanto, a essência do clássico ajuda a explicar a dinâmica do encontro de uma sociedade com o seu passado, pois tem o condão de ressaltar a identidade própria de um povo,

assim como o clássico evidencia o que tem de comum na experiência humana no mundo. Logo, o sentido e validade do clássico, bem como o sentido e validade da história e memória de um povo, são elementos que reforçam os vínculos éticos e políticos, os quais, por sua vez, condicionam a elaboração de objetivos comuns no seio de uma vida em comunidade.

3. A TECNIFICAÇÃO DA CIÊNCIA E DA POLÍTICA COMO UM OBSTÁCULO PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOLIDARIEDADE E DE UM MUNDO COMUM

No texto *O que é práxis? As condições da razão social*³ Gadamer trabalha questões afetas ao contexto social e político da década de 1970, quando já era possível vislumbrar a influência do aparato técnico e científico em todas as esferas da vida social. Neste texto, Gadamer defende que a tecnificação da razão social poderia tornar-se um obstáculo para a obtenção de sentidos comuns em sociedade. O autor ressalta, sobretudo, a influência dos processos técnicos na formação de opinião democrática, e como tais processos poderiam facilitar a manipulação da opinião, como assinala Gadamer:

É possível dirigir uma opinião pública planificadamente em determinada direção ou nela influir para que adote determinadas decisões. A propriedade dos meios de comunicação é, pois, decisiva. Por esta razão, em toda democracia se empreendem esforços mais ou menos impotentes para estabelecer um certo equilíbrio e controle na administração e organização dos meios públicos de informação. O que não se consegue – numa medida tal, que o consumidor de notícias possa estar seguro de uma autêntica satisfação de suas necessidades de informação – se avalia pela crescente apatia da sociedade de massas no que diz respeito às coisas públicas. O aumento do grau de informação, portanto, não significa, necessariamente, um fortalecimento da razão social. Parece mais correto que aí resida, precisamente, o verdadeiro problema: a verdadeira perda de identidade do homem atual (GADAMER, 1983, p.44-45).

Esta perda de identidade do homem atual a que Gadamer se refere tem relação com as questões precedentes acerca da questão da formação e da memória em comum. A temática da razão social e do sentido de práxis que Gadamer quer ressaltar leva em conta uma base antropológica, no sentido de que a práxis humana, ou a práxis genuína, tem a ver com a permanente busca da humanidade em perseguir sentidos comuns, com objetivos pragmáticos de manutenção da sobrevivência, mas também pela necessidade de construir um mundo comum, através de finalidades complexas que devem ser objeto de reflexão e deliberação, como afirma Gadamer:

Aqui se encontra um primeiro passo na direção daquilo a que chamamos práxis. Para um ser, cujas metas de necessidades se tornaram mais complexas

³ GADAMER, Hans-Georg. *A razão na época da ciência*. Tradução de Ângela Dias. – Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

e contraditórias, o que importa é a escolha reflexiva, a correta antecipação, a correta ordenação sob fins comuns. Basta pensar nas sociedades de caçadores da pré-história e em todas as surpreendentes conquistas comunitárias que o homem atingiu naqueles tempos. A maior conquista é a estabilização das normas de ação, no sentido do direito e do delito (GADAMER, 1983, p. 47).

E ainda:

A sociedade humana se organiza a si mesma levando em conta uma ordem vital comum, de maneira tal, que cada indivíduo a reconhece como comum [e considera como delito sua violação] (GADAMER, 1983, p. 47).

Portanto, uma razão social, em Gadamer, seria o sentido próprio da práxis humana, que se distingue da práxis moderna, que teria a ver com a instrumentalização de todas as esferas da vida, através dos aparatos desenvolvidos nos processos técnico-científicos. Assim, o que está em questão na modernidade é a constante autonomização da humanidade e do esquecimento de uma ordem vital comum.

É possível perceber, portanto, que a temática em torno da memória de uma sociedade tem relação direta com a questão da tecnificação da razão social, no sentido de que este é um fator de alienação da humanidade desse mundo comum, historicamente construído e condicionado. É precisamente a memória de uma comunidade que fornece a base de sentido para a deliberação, para a escolha reflexiva de objetivos comuns, inerentes a uma práxis e racionalidade social. Afirma Gadamer:

Portanto, a práxis não se baseia, certamente, só numa abstrata consciência da norma. A práxis está sempre já concretamente motivada, está preconcebida; porém também se recorre a ela como crítica aos preconceitos. Sempre estamos dominados por convenções. Em toda cultura, constam uma série de coisas que são tomadas como evidentes e que estão totalmente excluídas de sua própria consciência. Ainda nas maiores dissoluções de formas tradicionais, costumes e usos, estas coisas permanecem ocultas, na medida em que, o que é comum segue condicionando tudo (GADAMER, 1983, p. 52).

Para Gadamer, esse processo de tecnificação da razão social é um fator que distancia a humanidade de consciência comum, até mesmo nos aspectos mais relevantes, no que concerne à própria sobrevivência física da humanidade no planeta:

Estamos ainda muito distantes de ter alcançado uma consciência comum – no sentido de que o que está em jogo é o destino de todos sobre esta terra em que ninguém pode sobreviver, à semelhança do que acontece com a insensata utilização de armas de destruição atômica – já que a humanidade, ao longo de, talvez, muitas e muitas crises e muitas experiências dolorosas não consegue encontrar – por necessidade – uma nova solidariedade (GADAMER, 1983, p. 55).

Assim, Gadamer ressalta a importância de que a humanidade se reconecte através dos vínculos comunitários estabelecidos e reforçados pelo elemento da solidariedade. Tal elemento pode ser reforçado por diversos eventos ou experiências, como a “crise ecológica” (GADAMER, 1983, p. 54), desde que tenham o potencial de evidenciar esta vinculação originária da

humanidade em um destino comum, no caso da crise ecológica, a experiência do fim da vida humana no planeta.

Existe, portanto, segundo o autor, uma precedência da memória vital comum nos processos solidários que conformam os vínculos comunitários. O sentido próprio de práxis residiria nesta ordem de solidariedade e de vinculação recíproca que confere sentido à própria ideia de humanidade. Esta vinculação recíproca sempre poderá ser alimentada pela memória em comum, no fio condutor histórico da experiência humana do mundo, levando em conta um tipo de racionalidade originariamente compartilhada, perceptível no nosso encontro com a tradição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões proporcionadas por três conceitos presentes nos escritos de Gadamer, *Bildung*, clássico e razão social, é possível estabelecer algumas conexões com problemas contemporâneos concernentes a questões sociais e políticas.

Hodiernamente vivemos em uma cultura de informação global, na qual os vínculos comunitários estão se dissolvendo e o individualismo é cada vez mais fomentado. Tal processo está relacionado com o modelo econômico prevalecente no mundo e, mais recentemente, com a presença marcante das redes sociais na vida cultural. Assim, a técnica moderna é a racionalidade preponderante na vida contemporânea, ela dá a tônica das relações interpessoais, com reflexos diretos no processo de formação cultural, no modo como os povos se relacionam com sua memória e, partir disto, no modo como deliberam acerca de objetivos comuns.

Destarte, é possível perceber que a técnica moderna pode conduzir a um processo de enfraquecimento desta razão social ou práxis comunitária, de modo a esfacelar os vínculos essenciais dos povos, originariamente presentes em uma memória comunitária.

REFERÊNCIAS

GADAMER, Hans-Georg. **A razão na época da ciência**. Tradução de Ângela Dias. – Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

_____. **Truth and Method**. 2ª, Edição revisada. Trad de Joel Weinsheimer e Donald G. Marshall. New York: Continuum, 1996.

_____. **Verdade e método I: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Revisão da tradução de Enio Paulo Giachini 12.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SILVA, Maria Luísa Portocarrero. Razão e Memória em H.-G. Gadamer. **Revista Portuguesa de Filosofia**, p. 333-344, 2000.